

# O *HUNSRÜCKISCH* E A RELIGIÃO NA EX-COLÔNIA DE SANTA ISABEL, DOMINGOS MARTINS-ES

Aparecida da Penha Krohling Christ<sup>1</sup>  
Edenize Ponzos Peres<sup>2</sup>  
Allan Costa Stein<sup>3</sup>

## RESUMO

A religião pode contribuir para a manutenção de línguas minoritárias e, no contato que ocorreu entre o *Hunsrückisch* e o Português, na ex-colônia de Santa Isabel, Domingos Martins-ES, ela foi um fator de destaque. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é investigar a importância da religião no processo de manutenção/substituição do *Hunsrückisch* nessa região. Para isso, valemo-nos de 16 entrevistas com descendentes de imigrantes alemães entre 52 e 93 anos e de fontes históricas, como livros e Relatórios da Província do Espírito Santo. Nossos resultados demonstram que a religião luterana contribuiu para a manutenção do *Hunsrückisch* na ex-Colônia, diferentemente do catolicismo.

**Palavras-chave:** contato linguístico, imigração alemã no Espírito Santo, manutenção/substituição linguística, religião.

## Considerações iniciais

Estudiosos dos Contatos Linguísticos (cf., por exemplo, WEINREICH, 1970; FISHMAN, 1995, 2006; ROMAINE, 1995; APPEL; MUYSKEN, 1996; FASOLD, 1996;

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Técnica em Assuntos Educacionais da Ufes. E-mail: cidinhakrohling@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Mestre em Educação pela UFMG. Doutoranda em Letras pela PUC-Minas. Professora aposentada da Ufes, atuando como voluntária nessa IES. Professora do Mestrado Profissional em Letras – Proletras-UFRN/Ifes. E-mail: eponzoperes@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Estudos Linguísticos pela Ufes. Professor Orientador de TCC no Curso de Letras Italiano (EaD) da Ufes. E-mail: allanstein1@gmail.com.

BAKER; JONES, 1998; WINFORD, 2003; MATRAS, 2003; COULMAS, 2005; SPOLSKY, 2009; MONTRUL, 2013) atestam que fatores políticos, sociais, demográficos, culturais e linguísticos incentivam a manutenção ou a substituição de uma língua em contato com outra, estando esses fatores inter-relacionados. No Espírito Santo, um estado fortemente marcado pela imigração italiana e germânica – especialmente pomerana e renana –, esses fatores atuaram para substituir algumas línguas pelo Português, como as italianas, mas preservar outras, como o Pomerano<sup>4</sup> e o *Hunsrückisch*.

Segundo Altenhofen e Morello (2018, p. 23), o *Hunsrückisch* “pode ser visto como a denominação comumente dada pelos falantes a uma variedade do Alemão proveniente da região de mesmo nome, o Hunsrück”, uma região localizada entre os rios Mosela e Reno, na Renânia Central, Alemanha (ALTENHOFEN, 1998). No Rio Grande do Sul, essa língua também é denominada pelos seus falantes como *Deutsch*, *Plattdeutsch*, *Deutsch*, *Hunsbucklisch*, *Hunsrick* e *Platt* (ALTENHOFEN; MORELLO, 2018, p. 39). Os nossos entrevistados, por sua vez, denominam a língua também por Alemão, como veremos.

Neste trabalho, buscamos analisar a influência da religião para a manutenção/substituição do *Hunsrückisch* em duas comunidades situadas na região da ex-Colônia de Santa Isabel, atual Domingos Martins-ES: a sede deste município, também conhecida como Campinho, e a Vila de Santa Isabel, ambas localizadas na região serrana do estado, a aproximadamente 48km da capital, Vitória.

Fomos motivados a lançar um olhar sobre essas localidades com foco na religião devido principalmente a dois fatores: i) o destaque que é dado, nas obras que tratam da história da imigração germânica no Espírito Santo, à segregação que ocorreu entre os colonos em função de seu credo religioso; e ii) o nosso conhecimento da realidade sociolinguística de Domingos Martins e de Santa Isabel quanto à manutenção e aos usos do *Hunsrückisch*, confirmado pelos resultados da presente pesquisa.

Conforme salienta Werhmann (2017, p. 67), citando Wiese (2005), no contexto das línguas minoritárias no Brasil, católicos e luteranos empregavam o Alemão em situações sociais distintas, uma vez que, entre os luteranos, essa língua era usada tanto na comunicação quanto na profissão de sua fé; por outro lado, as missas da Igreja Católica

---

<sup>4</sup> Segundo Tressmann (no prelo, p. III), “O Pomerano, no idioma nativo *Pomerisch*, é uma língua oriunda da antiga Pomerânia, região histórica localizada hoje parte na Polônia - a grande porção do antigo território -, parte na Alemanha, da família linguística germânica ocidental e da subfamília Baixo-Saxão (Low Saxon). A gênese da língua pomerana é o Baixo-Saxão medieval, originário do Saxão antigo (Old Saxon), uma das línguas formadoras do Inglês”.

eram todas em latim. Além disso, o isolamento a que os imigrantes alemães protestantes foram submetidos nesse período em razão do credo religioso que professavam também constitui evidência favorável à hipótese de que a dimensão diarreligiosa é significativa para a análise do panorama sociolinguístico do município de Domingos Martins-ES.

Para apresentarmos as análises deste trabalho, na segunda seção traçamos a história da ex-Colônia de Santa Isabel, expondo os conflitos religiosos que ali ocorreram no início de sua formação; na terceira seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo; na quarta seção, analisamos como o fator religioso atuou para propiciar, por um lado, a manutenção e, por outro, a substituição do *Hunsrückisch* nas duas comunidades pesquisadas; por fim, na última seção, tecemos nossas considerações finais. Iniciemos pela história de Santa Isabel.

### **O contexto histórico da imigração alemã na ex-Colônia de Santa Isabel**

A primeira Colônia oficial criada pelo Império na província do Espírito Santo foi Santa Isabel, em 27 de janeiro de 1847, a qual recebeu diversos imigrantes europeus, sobretudo germânicos. Raasch (2010, p. 70), com base no Banco de Dados do Projeto Imigrantes - Espírito Santo, do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, afirma que a entrada de imigrantes na Colônia não foi regular: em 1847, foram instalados 165 imigrantes, mais 527 até 1895, num total de 692. Segundo Ferrari (2016), os primeiros imigrantes foram instalados na Serra da Boa Vista, em Domingos Martins-ES, onde foi construída uma capela ecumênica. Ferrari (2016) afirma tratar-se de 16 famílias luteranas e 23 católicas, mas, de acordo com Raasch (2010, p. 91), "o primeiro grupo de alemães desembarcados no Espírito Santo era formado por 101 católicos, 35 luteranos e 29 calvinistas"<sup>5</sup>.

No período compreendido entre 1847 e 10 de julho de 1866 - data de sua emancipação -, alguns Relatórios dos presidentes da Província do Espírito Santo fornecem informações quanto ao número de habitantes da Colônia, mas, após a emancipação, essas informações se tornaram escassas. Entre os oito Relatórios

---

5 Não identificamos, nos livros e documentos pesquisados, informações sobre os calvinistas.

pesquisados por nós<sup>6</sup> e que trazem essas informações, sete identificam também a religião professada pelos colonos, como observamos no quadro 1<sup>7</sup>.

Quadro 1: População da Colônia de Santa Isabel de 1855 a 1866

Presidente da Província	Data do Relatório	População da Colônia	Observações
Sebastião Machado Nunes	25/05/1855	213	74 brasileiros e 139 estrangeiros
Antonio Alves de Souza Carvalho	11/03/1861	589	Católicos: 225 Protestantes: 364
José Fernandes da Costa Pereira Junior	23/05/1861	662	Católicos: 274 Protestantes: 388
André Augusto de Pádua Fleury	20/10/1863	801	Católicos: 363 Protestantes: 438
Eduardo Pindahyba de Mattos	21/02/1864	931	Católicos: 452 Protestantes: 479
José Joaquim do Carmo	26/05/1865	1.109	Católicos: 597 Protestantes: 512
Allexandre R. da Silva Chaves	23/05/1866	1225	610 católicos e 615 protestantes

Fonte: Relatórios dos presidentes da Província do Espírito Santo.

As informações contidas no Quadro 1 evidenciam que, no primeiro levantamento em que a religião foi levada em consideração (11/03/1861), havia mais protestantes (364) do que católicos (225) na Vila de Santa Isabel. Entre os anos de 1861 e 1864, o crescimento da população não acarretou mudanças significativas no perfil religioso da comunidade, até que, a partir de 1865, o número de católicos ultrapassa o de protestantes, o que impactou a vitalidade atual do Hunsrückisch na comunidade.

Segundo Vieira e Velten (2015), a distribuição das propriedades entre as primeiras famílias de imigrantes foi realizada por meio de sorteio. Esse fato ocasionou uma mistura

<sup>6</sup> Os 52 Relatórios pesquisados estão disponíveis na página eletrônica do Arquivo Público do Espírito Santo: [www.ape.es.gov.br/relatorios-e-mensagens-2](http://www.ape.es.gov.br/relatorios-e-mensagens-2).

<sup>7</sup> Neste trabalho, mantivemos a linguagem utilizada nos Relatórios.

entre famílias católicas e protestantes, alterada em seguida pelos colonos, uma vez que "os católicos e os luteranos barganharam então as posições com os sorteados. Os primeiros tomaram a direção de Santa Isabel, e os últimos subiram para a região da atual sede de Domingos Martins" (VIEIRA; VELTEN, 2015, p. 39).

A separação entre católicos e protestantes teve origem em diversas desavenças entre ambos os grupos. Embora o presidente da Província, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, em Relatório de 01/03/1848, afirme que, a essa época, não havia desentendimentos entre os colonos<sup>8</sup>, dois outros presidentes atestam a existência de conflitos entre os dois grupos de imigrantes: André Augusto de Padua Fleury, em Relatório de 20 de outubro de 1863; e José Joaquim do Carmo, em Relatório apresentado no dia da abertura da sessão ordinária de 1865.

Também Wagemann (1949) e Vieira e Velten (2015) registram conflitos no início do século XX entre padres e pastores. Com relação aos colonos, Wagemann (1949, p. 90) salienta que "quase não há contato entre os fiéis de ambas as religiões. Raríssimos são os casamentos entre católicos e protestantes". Assim se justifica a "paz" entre esses grupos de imigrantes.

A desunião de católicos e protestantes também se estendeu ao nível educacional. No Relatório de 25 de maio de 1854, o então presidente Sebastião Machado Nunes aponta que as rixas entre católicos e protestantes estavam interferindo no sistema educacional da Colônia.

A população da colônia se divide pelo lado da religião em catholicos e protestantes: esta diferença de religião é uma das dificuldades com que tem lutado este estabelecimento, porque é origem constante de inimizade e de rixas entre os colonos. Além disto os protestantes reclamão a presença de um pastor da sua religião; e sendo justo que lhes seja prestado, não tem sido ainda possível baptisfazel-os. Outro inconveniente da differença de religião, e ainda mais grave, consiste em que os protestantes recusão mandar seus filhos á escola de instrução primaria, cujo professor é catholico<sup>9</sup> (RELATÓRIOS PROVINCIAIS, 1854, p. 33-34).

---

<sup>8</sup> Roche (1968) confirma o que diz o Relatório de 01/03/1848, quanto à boa convivência entre católicos e luteranos, na ex-Colônia.

<sup>9</sup> A recusa dos protestantes em mandar seus filhos a uma escola católica é atestada também por Rölke (2016, p. 367), que afirma que "as escolas tinham, por força constitucional, orientação católica".

Os conflitos educacionais aconteciam porque, à época, o padre e o pastor estavam encarregados também das atividades de ensino, resultando por muito tempo uma educação cuja língua era o Alemão standard para os protestantes. Rölke (2016) enfatiza que as Igrejas Luterana e Católica assumiram o processo de criação de escolas comunitárias para os filhos de imigrantes em função do desinteresse do Governo Provincial em assumir esse seu papel. Em relação às escolas organizadas pela Igreja Luterana, Rölke (2016) afirma:

Na realidade, as escolas comunitárias dentro das comunidades de imigrantes, automaticamente, se tornavam "escolas alemãs", pois eram os pastores, todos vindos da Alemanha, que as organizavam com seus presbitérios. Eram também os pastores, suas esposas ou pessoas escolhidas nas colônias que lecionavam. As assim chamadas "escolas alemãs" foram condenadas a um papel secundário dentro da sociedade capixaba. Por dois motivos: primeiro, pois mesmo após a proclamação da República, quando se separou Estado e Igreja, o Estado nada fez para uma cidadania consciente, investindo na educação. Segundo, como estas escolas eram frequentadas por filhos e filhas de pequenos proprietários ou meeiros, não era possível lecionar durante a semana toda. [...] Dentro desta conjuntura, em que o Estado brasileiro estava ausente, as escolas foram naturalmente instrumentos na formação da consciência étnica e cultural alemã. (RÖLKE, 2016, p. 396).

Por sua vez, em relação aos católicos, Rölke (2016) relata que os religiosos conseguiram com mais facilidade instalar escolas públicas nas regiões de imigrantes, uma vez que o catolicismo era a religião oficial do Estado. Rölke (2016, p. 395) assegura ainda que "isto fez com que se cuidasse pouco da questão étnica nas regiões de imigração de predominância católica, mesclando-se imigrantes de diferentes línguas". O resultado, como veremos, foi o maior contato entre alemães católicos e brasileiros e, por conseguinte, a adoção do Português como língua de comunicação.

Tendo sido apresentado um resumo da história da imigração alemã na Colônia de Santa Isabel, na próxima seção expomos os procedimentos que utilizamos para gerar nossos dados.

### **Procedimentos metodológicos**

Para alcançarmos nossos objetivos, neste estudo, valemo-nos da leitura de obras de autores que abordam o processo de imigração no Brasil e no Espírito Santo (WILLEMS, 1940; WAGEMAN, 1949; ROCHE, 1968; BASTIDE, 1973; DREHER, 1998, 2014; KOCH, 2003; RAASCH, 2010; VIEIRA; VELTEN, 2015; FERRARI, 2016;

RÖLKE, 2016), assim como dos Relatórios dos Presidentes da Província do Espírito Santo no período compreendido entre 01/03/1848 e 09/07/1888, totalizando 52 relatórios.

Utilizamos também de 16 entrevistas com descendentes de imigrantes alemães entre 52 e 93 anos, sendo 08 católicos e 08 luteranos, nascidos e/ou residentes na região e que frequentam uma das comunidades há, no mínimo, 30 anos. Esses participantes, preferentemente, deveriam falar o *Hunsrückisch*<sup>10</sup>. O quadro a seguir evidencia as características de nossos sujeitos.

Quadro 2 – Características sociais dos informantes

<b>Participante</b>	<b>Sexo/ gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Religião</b>
01	F	80	4ª série	Católica
02	F	82	2ª série	Católica
03	M	60	Ensino Superior (ES)	Católica
04	F	86	4ª série	Católica
05	F	55	Ensino Médio (EM)	Católica
06	F	53	EM	Católica
07	F	83	EM	Católica
08	M	61	8ª série	Católica
09	F	80	EM	Luterana
10	F	71	ES	Luterana

<sup>10</sup> Dos oito entrevistados católicos, sete (87,5%) não fizeram diferenciação entre *Hunsrückisch*, alemão ou *Hochdeutsch*, quando se referiam à língua falada por eles ou seus antepassados.

11	F	52	EM	Luterana
12	M	63	4ª série	Luterana
13	F	93	8ª série	Luterana
14	F	72	4ª série	Luterana
15	F	63	EM	Luterana
16	F	88	3ª série	Luterana

As 16 entrevistas foram realizadas em 2017 e versavam sobre a história social<sup>11</sup> dos contatos linguísticos na região de Santa Isabel e de Campinho – a sede de Domingos Martins –, como informamos. Entre outros assuntos, perguntamos aos entrevistados se falavam outra(s) língua(s) além do Português, quem era descendente de imigrantes em sua família e qual era a localidade de origem desse(s) imigrante(s). No caso de os entrevistados não falarem a língua de seus antepassados, era-lhes perguntado o possível motivo para a não transmissão da língua aos descendentes. Na seção seguinte, analisamos a relação entre a religião e a manutenção/substituição do *Hunsrückisch*.

### **A religião e a manutenção/substituição linguística**

Na literatura dos Contatos Linguísticos (cf. WEINREICH, 1970 [1953]; FISHMAN, 1995, 2006; ROMAINE, 1995 [1989]; APPEL; MUYSKEN, 1996; FASOLD, 1996; BAKER; JONES, 1998; WINFORD, 2003; MATRAS, 2003; COULMAS, 2005; SPOLSKY, 2009; MONTRUL, 2013; etc.), fatores como as semelhanças culturais entre o grupo de imigrantes e a sociedade do país de acolhimento são apontados como favorecedores da substituição da língua minoritária pela majoritária. Entre as semelhanças culturais, o fator religião é dos mais importantes, pois dele se origina outro, crucial para a transmissão de uma língua minoritária às gerações futuras: os matrimônios endo/exogâmicos<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Para mais informações, ver Christ, Peres e Rocha (2019).

<sup>12</sup> Há de se ressaltar, contudo, que esses fatores operam em conjunto, influenciando-se mutuamente, conforme pretendemos demonstrar a seguir.

Nesta seção, abordaremos as implicações da confissão religiosa dos imigrantes alemães para a manutenção/substituição do *Hunsrückisch* nas duas comunidades pesquisadas, analisando os matrimônios realizados por esses imigrantes e seus descendentes e também a relação entre a religião e o *Hunsrückisch*. Antes disso, observemos o Quadro a seguir, em que constam informações sobre a etnia dos ascendentes de nossos informantes, a(s) língua(s) falada(s) por eles além do Português e as razões declaradas de o *Hunsrückisch* não haver sido transmitido às gerações mais novas.

Quadro 3 – Relação entre a religião dos informantes e a manutenção/substituição do *Hunsrückisch*

<b>Participante</b>	<b>Religião</b>	<b>Ascendência dos pais</b>	<b>Língua(s) falada(s) além do Português<sup>13</sup></b>	<b>Razões declaradas para a não transmissão da língua</b>
01	Católica	Materna (M): italiana Paterna (P): alemã	-	A mãe não falava
02	Católica	M: alemã P: alemã	Alemão	-
03	Católica	M: alemã e italiana <sup>14</sup> P: alemã	-	A mãe não falava; a proibição da Era Vargas
04	Católica	M: brasileira P: alemã	-	A mãe não falava
05	Católica	M: alemã e brasileira P: alemã	-	A mãe não falava

<sup>13</sup> Reproduzimos as denominações que os informantes deram para as línguas que falam.

<sup>14</sup> Nos casos de serem citadas duas etnias dos avós, a primeira é referente ao avô, e a segunda, à avó.

06	Católica	M: alemã e brasileira P: alemã	-	A mãe não falava
07	Católica	M: italiana e brasileira P: alemã	-	A proibição imposta na 2ª Guerra
08	Católica	M: alemã e brasileira P: alemã	-	O medo que a proibição gerou na população
09	Luterana	M: alemã P: alemã	Hunsrückisch e Hochdeutsch <sup>15</sup>	-
10	Luterana	M: pomerana P: pomerana	Pomerano, Hochdeutsch e Hunsrückisch <sup>16</sup>	-
11	Luterana	M: alemã P: alemã	-	Aprendeu o Hunsrückisch, mas deixou de falá-lo.
12	Luterana	M: alemã e italiana P: alemã	Hunsrückisch e Hochdeutsch	-
13	Luterana	M: alemã P: alemã	Hunsrückisch	-
14	Luterana	M: alemã P: alemã	Hunsrückisch e um pouco de Hochdeutsch	-

<sup>15</sup> Por *Hochdeutsch* nossos sujeitos se referem à língua alemã, como também o fazem outros falantes de *Hunsrückisch* (Altenhofen; Morello, 2018, p. 28), embora, conforme salientam esses autores (2018, p. 129), o *Hochdeutsch* não possa [...] ser confundido com o alemão standard.

<sup>16</sup> A entrevistada 10 aprendeu a falar *Hunsrückisch* com a família de seu marido. Depois de casada, era essa a língua falada em sua casa.

15	Luterana	M: pomerana P: alemã	<i>Hunsrückisch</i> e <i>Hochdeutsch</i>	-
16	Luterana	M: alemã P: alemã	<i>Hunsrückisch</i> e <i>Hochdeutsch</i>	-

Por meio do Quadro 3, vemos que apenas um informante católico se declarou bilíngue; os outros sete são monolíngues em Português. Por sua vez, dos oito entrevistados luteranos, sete são bilíngues, sendo que o único informante monolíngue do grupo afirmou que aprendeu o *Hunsrückisch*, mas deixou de falá-lo. Esses dados evidenciam a estreita relação entre o uso do *Hunsrückisch* e a religião, na região pesquisada.

### **Religião e matrimônio**

É fato que o catolicismo era a religião do Brasil Império e, segundo Willems<sup>17</sup> (1940), Dreher (1998) e Koch (2003), apesar da tolerância religiosa que o Governo da época defendeu, com vistas a garantir o sucesso do empreendimento colonial, essa ligação afetou a vida dos primeiros imigrantes protestantes, uma vez que “a união de Estado e Igreja Católica e a legislação daí proveniente colocavam os matrimônios protestantes fora da lei” (WILLEMS, 1940, p. 229).

De acordo com Rölke (2016, p. 368-369), em 17 de abril de 1863, graças à intervenção de D. Pedro II, foi publicado o Decreto nº 3.069, permitindo que os "ministros das religiões toleradas" realizassem ofícios civis, desde que cumprissem as exigências legais, porém era proibido que os protestantes contraíssem matrimônios mistos. Além disso, em um decreto de 1865, o governo estabelecia que crianças nascidas de matrimônios mistos deveriam ser educadas no catolicismo. Para o autor, tais fatos contribuíram fortemente para o isolamento religioso dos imigrantes luteranos, fato com o qual concorda Bastide (1973). Este autor ressalta que a Igreja Católica, "dificultando o casamento misto, força o alemão protestante a casar-se com uma alemã, uma vez que quase todos os brasileiros são católicos" (BASTIDE, 1973, p. 193).

<sup>17</sup> Emilio Willems dedicou-se ao estudo e à observação das colônias teuto-brasileiras na região Sul do Brasil, na década de 1930, e publicou em 1940 a obra *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*, à qual recorreremos no presente trabalho.

A esse respeito, Raasch (2010), ao pesquisar os registros de casamentos da Igreja Luterana de Campinho, no período entre 1879 e 1889, e da Igreja Católica de Santa Isabel, de 1849 a 1889, observa que a endogamia estava presente nas famílias de ambas as religiões, mas que, entre os luteranos, o índice de casamentos entre alemães predominou, com o percentual de 96,8%. Por sua vez, com base nos registros de Santa Isabel, Raasch (2010) identifica um número maior de casamentos entre teutos e brasileiros.<sup>18</sup> O autor atribui esses casamentos interétnicos à afinidade religiosa e ao compartilhamento de espaços sociais como a igreja e a escola, que ocorriam mais comumente entre os católicos: portanto, a Igreja Católica atuava, "de certo modo, no sentido de misturar o elemento alemão e o nativo" (WAGEMANN, 1949, p. 90).

Em relação aos luteranos, Raasch (2010) constata que a região de origem do imigrante não era decisiva na escolha dos cônjuges, fato que o levou a crer que a religião tenha sido o fator mais provável para explicar o número acentuado de casamentos entre cônjuges protestantes provenientes de regiões diferentes. De acordo com Raasch (2010, p. 17), o fato de existirem matrimônios entre mulheres alemãs e italianos valdenses, ou seja, não católicos, reforça tal hipótese.

De acordo com Roche (1968, p. 250-253), a endogamia permanecia acentuada nas zonas de colonização alemã em 1961. Todavia, a essa época, na comunidade católica de Santa Isabel, a taxa de endogamia era inferior a 50%, constituindo uma exceção entre os núcleos coloniais mais antigos, uma vez que Campinho tinha uma taxa de 85,7% de endogamia e Santa Leopoldina, de 92,7%. Segundo o autor, o declínio da taxa de endogamia em Santa Isabel tem início em 1955, pois, em 1940, a taxa era de 88,8%. A diferença acentuada entre os percentuais de Santa Isabel, Campinho e Santa Leopoldina em 1961 levou o autor a pensar na interferência de outros fatores, além da etnia, para a queda da endogamia entre os católicos de Santa Isabel. Para Roche (1968),

Deve intervir, portanto, um outro fator, e em V. Isabel pode-se pensar na religião. Embora tenha-se produzido uma espécie de segregação espontânea dos católicos (enquanto os protestantes se instalavam em Campinho) estes aceitaram mais facilmente os casamentos étnicamente mistos, mas religiosamente homogêneos, porque eles eram minoritários no meio dos imigrantes germânicos, mas encontravam correligionários seja entre os descendentes de italianos, seja entre os velho-brasileiros. [...] Assim, o fato de pertencer ao catolicismo favorece a exogamia

---

<sup>18</sup> Para mais detalhes sobre o número de casamentos e nacionalidade dos cônjuges, consultar Raasch (2010, p. 166-169).

étnica, ou, pelo menos, não constitui o mesmo obstáculo que o fato de se pertencer a uma comunidade luterana (ROCHE, 1968, p. 251).

Roche (1968), no entanto, assevera que a hipótese da influência religiosa não é suficiente para explicar todos os casamentos etnicamente mistos. O autor reconhece o peso do fator religioso, mas destaca que “[...] a endogamia está ligada à vida rural, em particular à vida pioneira; ela é elevada na medida em que o povoamento é relativamente homogêneo [...]” (ROCHE, 1968, p. 252).

Raasch (2010) observa que a família teuta que vivia na Colônia de Santa Isabel surge como uma célula social fechada, cujo convívio familiar permitia a transmissão de hábitos, costumes, valores e da língua. O autor atribui isso em grande parte à endogamia, mas ressalta que esse isolamento não impediu o contato das famílias teutas “que mantinham relações sociais entre si e com brasileiros, através do comércio e da frequência à igreja” (RAASCH, 2010, p. 176). Esse contato foi mais intenso entre os católicos, uma vez que a Igreja Católica promovia a fusão entre germânicos e brasileiros, o que favorecia não somente os casamentos mistos, mas também a aquisição do Português.

### **A religião e a língua**

Conforme salienta Wehrmann (2016, p. 30ss.), uma explanação completa acerca de como a religião influencia a realidade sociolinguística de uma comunidade requer esforço interdisciplinar envolvendo, além de linguistas, historiadores, antropólogos e teólogos, entre outros profissionais. No que se segue, apresentamos algumas considerações gerais que permitem compreender melhor a relação entre língua e religião no contexto de comunidades que, assim como a Vila de Santa Isabel, receberam imigrantes tanto católicos quanto protestantes (sobretudo, luteranos).

Segundo Willems (1940), eram profundas as diferenças entre o catolicismo e o luteranismo germânico, principalmente porque “no protestantismo alemão a idéia étnico-nacional está inseparavelmente ligada à idéia religiosa” (WILLEMS, 1940, p. 231). Ao falar sobre a configuração das comunidades evangélicas, o autor afirma:

Todavia, *mutatis mutandis*, encontramos em todas as comunidades da Igreja Evangélica Alemã, a fusão funcional dos seguintes elementos:

- a) a vida religiosa propriamente dita (culto, preces, interpretação dos evangelhos, pregação, cerimônias etc.);
- b) a língua alemã;

c) certos costumes, mormente a endogamia, (isto é, casamentos só dentro da comunidade evangélica).

Essa fusão é funcional porque de cada fator parte uma influência poderosa sobre os demais fatores e sobre a coesão moral e étnica das comunidades. Praticamente: A vida religiosa favorece a conservação e difusão da língua e dos costumes, a língua serve de veículo à pregação, transmissão e difusão das doutrinas religiosas, e os costumes afastam as influências a que a doutrina religiosa se expõe pelo contacto inter-étnico (WILLEMS, 1940, p. 234).

Importa destacar que o Alemão foi a língua para a qual a bíblia foi traduzida, no séc. XVI, por Martinho Lutero, líder da reforma protestante e fundador do luteranismo. Desse modo, o emprego do Alemão nos cultos luteranos, em oposição ao uso do latim nas missas católicas, constitui tentativa de os protestantes reafirmarem as raízes de sua fé.

No catolicismo, por sua vez, não ocorria tal "fusão funcional" entre vida religiosa, língua e costumes, o que não significava que a Igreja Católica não se preocupasse com a questão da diversidade linguística existente em muitas localidades no Brasil. Todavia, o domínio do Alemão servia, entre outros, para a formação do clero, em função do grande número de publicações nessa língua, e para a comunicação entre o sacerdote e a comunidade, conforme Willems (1940, p. 247) enfatiza:

Realmente, a igreja católica sempre levava em conta as condições linguísticas do meio. Entre populações que só falam o alemão, os sacerdotes são obrigados a pregar, ouvir confissão e dirigir as associações religiosas no idioma dos colonos. Em zonas mistas mas com separação linguística, o serviço religioso é ministrado em duas línguas, havendo sermão em Português e alemão. Geralmente, a população rural frequenta a missa "alemã", ao passo que o povo da cidade constitui a maioria da assistência na missa "brasileira".

Em tais condições, a língua não passa de mero instrumento destinado apenas à difusão de doutrinas religiosas. Ao aprendizado e uso do alemão não se associam idéias étnicas ou intenções de propaganda cultural ou política.

Cabe lembrar que a Igreja Católica realizava as missas em latim até o Concílio Vaticano II, ocorrido entre 1962 e 1965 e, após o concílio, as missas passaram a ser celebradas na língua oficial de cada país. De acordo com nossos sujeitos, ao menos no século XX, mesmo os padres que vinham da Alemanha já deveriam dominar o Português:

Entrevistadora: Os padres, eles vinham de onde? Eram da Alemanha ou eram daqui do Brasil mesmo?

Informante 4: Não, era da Alemanha.

Informante 5: Antigamente... antigamente era mais da Alemanha.

Entrevistador: E eles falavam em Português quando chegavam aqui?

Informante 4: Falava, já tinha que aprender as línguas antes de vir pro Brasil.

Entrevistador: Antes de vir pro Brasil?

Informante 4: Tinha o padre [incompreensível] que veio da Alemanha, mas ele já falava em Português, que eu até fiz primeira comunhão com ele.

Não identificamos informações, nos textos pesquisados, quanto à procedência dos primeiros párocos em Santa Isabel, e vários autores mencionam que os católicos receberam assistência religiosa assim que chegaram à Colônia. No entanto, Jean Roche, que visitou as colônias alemãs do Espírito Santo em 1961, tece ressalvas quanto a esse fato, como podemos observar no excerto a seguir.

Wagemann, portanto, escreveu: "os católicos receberam imediatamente uma assistência religiosa", sem dúvida porque partilharam a ilusão frequente de que o fato de pertencerem à religião da quase totalidade dos brasileiros assegura aos imigrantes o gozo dos benefícios da Igreja, celebração da missa, distribuição dos sacramentos e orientação de consciências, no quadro do catolicismo brasileiro.

Ora, a escassez de padres, a distância em que se encontravam, nas sedes de paróquias brasileiras de antes da colonização, sua ignorância da língua dos novos fiéis, tudo isto tornava a condição destes últimos mais precária que a dos protestantes, ao menos nos primeiros anos, isto é, até que os colonos tivessem aprendido o Português (o que ainda não ocorreu)<sup>19</sup> ou até que chegassem padres de língua alemã (ROCHE, 1968, p. 307-308).

Em relação à assistência religiosa dispensada aos luteranos, Ferrari (2016, p. 12) nos diz que, durante quase dez anos, eles permaneceram sem essa assistência oficialmente, sendo os serviços realizados pelo colono leigo Johann Nicolaus Faller. Em 1856, o Conselho Supremo da Igreja Evangélica da Prússia enviou o pastor Eugen Schmidt, que atuava no Rio de Janeiro, para oficializar batizados e casamentos. Ferrari (2016) informa que, a partir do relatório elaborado por Schmidt, foi enviado, em 1858, o pastor Julius Koehning para a primeira comunidade luterana na província do Espírito Santo. Em relação ao Brasil, de acordo com Dreher (1999), foi apenas a partir de 1904 que uma sede luterana denominada Missouri começou a enviar pastores dos Estados

---

<sup>19</sup> Podemos deduzir que, em 1961, época da visita de Roche à ex-Colônia de Santa Isabel, havia descendentes de imigrantes que ainda não haviam aprendido a língua portuguesa.

Unidos para o país, a fim de alfabetizar e oferecer assistência religiosa aos fiéis que haviam imigrado para terras brasileiras.

Em relação ao *Hunsrückisch* falado pelos imigrantes alemães, na ex-Colônia de Santa Isabel, Christ, Peres e Rocha (2019) afirmam que os descendentes desses imigrantes contrariaram a Lei da Terceira Geração (WEINREICH, 1970), que prevê a substituição da língua de imigração pela maioria do país de acolhimento na terceira geração de imigrantes. A esse respeito, Wagemann (1949) registra que, em 1913:

Os colonos alemães, pelo menos os protestantes, embora vivam na nova pátria, há três gerações, não aprenderam o linguajar do país – um português misturado com muitos brasilianismos. Hoje, entre os católicos, já existem muitos capazes de se entenderem em português, pois os vigários teutos, que pastoreiam também a população nativa, fazem a prédica, primeiro, em português, e, depois, em alemão (WAGEMANN 1949, p. 92).

Se, por um lado, no início do século XX, a prédica era realizada em Português e Alemão pelos vigários católicos nas colônias alemãs do Espírito Santo, por outro, nas Igrejas Luteranas, os cultos eram celebrados apenas em Alemão, pelo menos até a proibição de se falarem as línguas estrangeiras no país, imposta por Getúlio Vargas no Estado Novo (1937-1942) (FERRARI, 2016). Portanto, temos que, enquanto permaneceu essa proibição por parte do governo Vargas, os cultos foram realizados em Português<sup>20</sup>.

De acordo com Ferrari (2016), durante o Estado Novo, a cultura e a história da região foram severamente afetadas, assim como a transmissão do *Hunsrückisch*. A autora aponta a Igreja Luterana como fundamental para o resgate cultural no cenário pós-guerra, o que é confirmado pelo trecho a seguir, de uma de nossas entrevistas:

Entrevistadora: Você tinha comentado que os seus irmãos... você falava também o *Hunsrückisch* quando você era criança?

Informante 11: Eu falava, eu entendia tudo, porque papai e a mamãe em casa... só falavam em alemão<sup>21</sup>. E quando a gente vinha pra igreja, igual [xxx] falou... na nossa época, que era o pastor Schneider... ele dava a prédica toda em alemão e depois ele dava a prédica toda em Português, né? [...] Era uma delícia...né, [xxx]? Três horas lá na igreja.

Informante 12: O culto começava às dez e terminava ao meio-dia.

---

<sup>20</sup> Segundo Ferrari (2016), o pastor Karl Bielefeld, que atuava em Campinho, foi preso por falar alemão, retornando apenas em 1947.

<sup>21</sup> Por Alemão a entrevistada refere-se ao *Hunsrückisch*, como são conhecidas essas línguas entre nossos entrevistados e os moradores da região.

Informante 11: Sem poder levantar pra tomar água nem ir no banheiro, que nem tinha né? [risos].

Por esse relato, observamos que a Igreja Luterana buscou de fato criar um contexto favorável para as línguas minoritárias na região. Ao realizar a prédica em alemão e também em português, os pastores deram relevância à cultura alemã na região e, ao mesmo tempo, não excluíram os monolíngues em Português.

A existência de espaços comuns em que outras línguas podem ser faladas parecem ter sido importante para a manutenção do *Hunsrückisch*, como observamos na fala de uma das entrevistadas, cuja língua materna é o Pomerano. Essa entrevistada aprendeu o *Hunsrückisch* depois do casamento, há muitos anos, com a sogra e com o grupo de senhoras da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, que utilizava o *Hunsrückisch* como língua de comunicação.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, buscamos relacionar a manutenção do *Hunsrückisch* ou a sua substituição pelo Português com a confissão religiosa dos imigrantes alemães que chegaram ao Espírito Santo em meados do século XIX, especificamente em duas comunidades que fazem parte da ex-Colônia de Santa Isabel: a Vila de Santa Isabel, predominantemente católica, e a sede de Domingos Martins, também conhecida por Campinho, majoritariamente luterana.

Para alcançarmos esse intento, buscamos fontes como livros sobre a história da imigração germânica e Relatórios dos presidentes da Província do Espírito Santo, bem como entrevistamos 16 descendentes de imigrantes alemães provenientes da região do Hunsrück. Chama a atenção a diferença entre o número de católicos e de luteranos que falam a língua de seus antepassados, nessas comunidades, o que vai ao encontro do disposto na bibliografia consultada e que foi mencionado no presente trabalho: alguns fatos associados à religião luterana favoreceram a manutenção do *Hunsrückisch* na região, como o ensino bilíngue, a segregação que foi imposta aos luteranos e a endogamia.

Vimos também que a segregação contribuiu para que os protestantes se casassem entre si. Embora outros fatores tenham exercido influência sobre a manutenção e/ou substituição do *Hunsrückisch* na ex-Colônia, conforme já apontado por Christ, Peres e Rocha (2019), os casamentos endogâmicos parecem de fato ter exercido grande influência

para a manutenção do *Hunsrückisch*. A partir das entrevistas, observamos que o *Hunsrückisch* se manteve com mais facilidade em famílias bilíngues compostas por cônjuges de origem teuta.

Dessa forma, confirmamos que o luteranismo e os casamentos entre cônjuges alemães favoreceram que o *Hunsrückisch* se mantivesse sendo falado em municípios capixabas como Domingos Martins, Santa Leopoldina e Marechal Floriano, mesmo atualmente, passados quase 150 anos da chegada dos primeiros imigrantes.

### **Agradecimentos**

A segunda autora agradece à Capes a bolsa de estudos recebida durante seu doutorado junto à PUC-Minas.

### **Referências**

ALTENHOFEN, C. V. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do “Hunsrückisch” no Rio Grande do Sul. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 18, p. 17-26, 1998.

ALTENHOFEN, C. V.; MORELLO, R. (orgs.). *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Ed. Garapuvu, 2018.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: [www.ape.es.gov.br](http://www.ape.es.gov.br).

BASTIDE, R. *Brasil terra de contrastes*. 5. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

BAKER, C.; JONES, P. S. *Encyclopedia of bilingualism and bilingual education*. Clevedon, Avon, UK: Multilingual Matters, 1998.

CHRIST, A. P. K.; PERES, E. P.; ROCHA, L. H. P. A história social dos contatos entre o Hunsrückisch e o Português em Domingos Martins-Espírito Santo. *Revista Web-Sociodialeto*, v.10, p. 66-85, jul. 2019.

DREHER, M. N. Rostos da Igreja no Brasil Meridional; o cristianismo do sul do Brasil. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Populações rio-grandenses e modelos de Igreja*. Porto Alegre: Edições EST, 1998, p. 09-33.

DREHER, M. N. *A Igreja Latino-Americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

DREHER, M. N. Considerações sobre a História da Família Imigrante no Rio Grande do Sul. In: SCOTT, Ana Silvia Volpi et al. (Org.). História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014, p. 291-316.

FASOLD, R. *La sociolingüística de la sociedad: Introducción a la sociolingüística*. Tradução: Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor libros, 1996.

FERRARI, J. *Domingos Martins e a tradição luterana: 150 anos de seu templo*. Vitória, ES: Grafitusa, 2016.

FISHMAN, J. *Sociología del lenguaje*. Traducción: Ramón Sarmiento y Juan Carlos Moreno. Madrid: Cátedra, 1995.

FISHMAN, J. *Language loyalty, language planning and language revitalization: recent writings and reflections from Joshua A. Fishman*/Edited by Nancy H. Hornberger and Martin Pütz. Clevedon, England: Multilingual Matters LTD, 2006.

KOCH, W. A escola evangélica teuto-brasileira. In: FIORI, Neide Almeida (org.). *Etnia e educação: a escola "alemã" do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Ed. UFSC; Palhoça-SC: Ed. Unisul, 2003, p. 193-207.

MATRAS, Y. *Language contact*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

MONTRUL, S. *El bilingüismo en el mundo hispanohablante*. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2013.

RAASCH, S. *A colônia de Santa Isabel e seus imigrantes (1847 – 1889)*. 2010. 186 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória (ES), 2010.

RELATÓRIOS PROVINCIAIS. Biblioteca Digital. *Relatórios e mensagens do Período Imperial (1842-1888)*. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/relatorios-e-mensagens-2>. Acesso em: 09 ago. 2017.

ROCHE, J. *A colonização alemã no Espírito Santo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

RÖLKE, H. *Raízes da imigração alemã: história e cultura alemã no estado do Espírito Santo*. Vitória, ES. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. 2nd Edition. Oxford: England: Blackwell, 1995. [1989].

SPOLSKY, B. *Language management*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

TRESSMANN, I. *Diccionario enciclopédico pomerano multilíngue*. (no prelo).

VIEIRA, J. E.; VELTEN, J. G. *Os italemães na terra dos botocudos*. Vitória, ES: Grafitusa, 2015.

WAGEMANN, E. *A colonização alemã no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: IBGE, 1949.

WEHRMANN, C. *A situação do alemão em Tunápolis e em Cunha Porã, Santa Catarina: dimensão diarreligiosa*. 2016. 161 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira do Sul, Chapecó-SC, 2016.

WEINREICH, U. *Languages in contact*. Findings and Problems. With a preface by André Martinet. 7th ed. Paris: Mouton & Co. 1970.

WILLENS, E. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Ed. Nacional, 1940.

WINFORD, D. *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

## HUNSRÜCKISCH AND RELIGION IN SANTA ISABEL FORMER COLONY, DOMINGOS MARTINS-ES

### ABSTRACT

Religion can contribute to the maintenance of minority languages and, in the contact that took place between Hunsrückisch and Portuguese in Santa Isabel former colony, Domingos Martins-ES, it was a prominent factor. Thus, the objective of this work is to investigate its importance in the process of maintenance/replacement of Hunsrückisch in the region. For this, we worked on 16 interviews applied to German immigrant descendants aged between 52 and 93 years old, besides historical sources, for instance books and reports from Province of Espírito Santo. The results demonstrate that Lutheran religion contributed to the maintenance of Hunsrückisch in the former colony, unlike Catholicism.

**Keywords:** linguistic contact, German immigration in Espírito Santo, linguistic maintenance/substitution, religion.

Recebido em 30/05/2021.

Aprovado em 05/07/2021.